

> A fenda Borgiana: as palavras e os seres imaginários

> The Borgian fissure: the order of imaginary beings

por Carlos Eduardo Félix da Costa (Cadu)

Artista Plástico e professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, onde coordena o LINDA – Laboratório Interdisciplinar em Natureza, Design e Arte. E-mail: cadu@puc-rio.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4148-4430>.

por Daniel B. Portugal

Professor do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ), onde coordena o Laboratório de Design, epistemologia e moralidade (DEMO). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: dportugal@esdi.uerj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2903-1893>.

por Rafaela Travassos Sarinho

Bolsista FAPERJ Nota 10 e Doutoranda em Design na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro e pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar em Natureza, Design e Arte (LINDA/PUC-Rio). E-mail: rafasarinho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4703-6505>.

Resumo

Partindo de *O livro dos seres imaginários*, de Jorge Luis Borges – uma obra que costura mitos, contos e histórias de certas criaturas que ocuparam o mundo com os humanos –, e assumindo uma perspectiva Foucaultiana, este artigo explora o processo por meio do qual os seres vivos se enquadram nos domínios da realidade e da ficção. Argumentamos que os pensamentos de Borges e Foucault colocam em questão os modos de ordenação das coisas, promovendo outros espaços que abalam os parâmetros vigentes de categorização do mundo.

Palavras-chave: Mito. Ciência. Ficção. Verdade.

Abstract

Starting from Jorge Luis Borges' *Book of Imaginary Beings* – a work that weaves together myths, tales and stories of certain creatures that occupied the world with humans – and assuming a Foucauldian perspective, this article explores the process through which living beings fit into the realms of reality and fiction. The works of Borges and Foucault, we will argue, question the order of things, promoting other spaces that shake the current parameters of categorization of the world.

Keywords: Myth. Science. Fiction; Truth.

> Artigo recebido em 27.02.2022 e aceito em 11.05.2022.

Hay dos maneras de usar una tradición literaria – una es repetirla servilmente; otra – la más importante – es refutarla y renovarla

Jorge Luis Borges¹

1. Introdução

É a partir do embaraço provocado por certa enciclopédia chinesa descrita por Jorge Luis Borges que Foucault expõe, em *As palavras e as coisas*, a impossibilidade patente de concebermos certas ordens. Indicando os limites do nosso pensamento, Foucault evidencia as tramas que oferecem suas condições de possibilidade, mas essas mesmas tramas, tornando possível conceber muitas coisas, definem ainda certos parâmetros de verdade a partir dos quais parte do que é pensável pode ser considerado verdadeiro. Assim, ao conhecimento pautado nos parâmetros de verdade estabelecidos, opõe-se de um lado o impensável e, de outro, o não verdadeiro – este é um terreno nebuloso, que é mais comumente associado ao erro, mas mais fértil naquilo que se costuma chamar de ficção.²

A ficção aponta para o irreal de um modo diferente do erro, já que coloca em questão a própria possibilidade de separação entre verdadeiro e falso. É assim ao menos nas obras de Borges, especialmente em *O livro dos seres imaginários*³, que costura fantasia, mitos, folclore e história em uma trama lírica peculiar, e oferece um excelente ponto de partida para explorarmos as questões da verdade e da ficção. Como coloca Melanie Nicholson, “essa obra cria uma tensão entre inventário e imaginação – isto é, entre o papel do manual, de classificar ou clarificar o mundo empírico, e o papel do fantástico, de expandir as fronteiras desse mundo”⁴.

Escrito com a contribuição de Margarita Guerrero, o livro foi publicado originalmente em 1957, com o título *Manual de Zoología Fantástica* (Manual de Zoologia Fantástica), sendo posteriormente expandido e renomeado *El libro de los seres imaginarios*. A obra apresenta seres que, ao longo do tempo, ocuparam o mundo com os humanos, em uma espécie de releitura criativa dos bestiários medievais. Recorre aos escritos de Aristóteles, Burton, Fraser, Plínio, Kafka, entre

¹ Jorge Luis Borges, *La poesía Gauchesca*, 1960.

² Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007.

³ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982.

⁴ Melaine Nicholson, *Necessary and Unnecessary Monsters: Jorge Luis Borges's Book of Imaginary Beings*, 2020, p. 135, tradução nossa.

outros, para dar contornos a um conjunto heterogêneo de relatos e descrições acerca de toda natureza de quimeras. Trata-se, nos termos do autor, de “um manual dos estranhos entes que engendrou, ao longo do tempo e do espaço, a fantasia dos homens”⁵.

As anfisbenas, os animais dos espelhos, o aplanador, o asno de três patas, o cão Cérbero, os elfos, a hidra de Lerna, as Ninfas, as Harpias e a Salamandra são apenas algumas das criaturas que Borges cataloga, saltando de um lugar para outro e de um tempo para outro em breves linhas. As características físicas de animais terrestres se misturam às de seres aquáticos e alados, acontecimentos históricos recebem versões singulares, fábulas são invocadas, Oriente e Ocidente colidem.

A *Cruza*, por exemplo, seria um composto, metade gato, metade cordeiro. “Do gato têm a cabeça, as unhas, do cordeiro, o tamanho e a forma”⁶. As *Harpías* figuram na Teogonia, de Hesíodo: divindades de cabelos longos e soltos, que voam mais rápido do que o próprio vento. “Harpías de belos cabelos: Proceta e Alígera/ que a pássaros e rajadas de vento acompanham/ com asas ligeiras, pois no abismo do ar se lançam”⁷. Já o *Asno de Três Patas* aparece em *Bundahishn*⁸, um escrito do século IX. O animal, de pelagem branca, habitaria os oceanos e possuiria seis olhos, três cascos e nove bocas.

O *Catoblepas* viveria nos confins da Etiópia: uma besta preguiçosa de tamanho médio, com uma cabeça pesada, inclinada para o chão. Já os peixes *Abtu* e *Anet* seriam velhos conhecidos dos egípcios, animais idênticos e sagrados que nadam à frente de uma nave em direção ao deus do sol, a fim de adverti-lo sobre os perigos do mundo. O *Aplanador*, por sua vez, seria descrito, entre 1840 e 1864, pelo pedagogo Jakob Lorber: trata-se de um ser conhecido por prestar serviços ao planeta Netuno.

Em passagens como essas, somos confrontados com um conjunto de associações – contos, testemunhos, mitologias, ditos populares – que não se encaixam em nossos sistemas rígidos e naturalizados de classificação animal, pautados em certa ideia de ciência e de linguagem científica. A hesitação em enquadrar os seres e suas descrições nos polos tradicionais da dicotomia “real” e

⁵ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. XI.

⁶ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 50.

⁷ Hesíodo, *Teogonia: a origem dos deuses*, 1995, p. 96.

⁸ Para mais, acessar: <<https://www.britannica.com/topic/Bundahishn>> Acesso em Outubro de 2021.

“imaginário” pode abrir as portas para uma investigação crítica dos nossos sistemas de classificação, a qual perseguimos neste artigo. Recorreremos inicialmente aos estudos arqueológicos de Foucault, destacando o momento de consolidação da História Natural, na virada do século XVII para o XVIII, uma vez que teria sido aí, segundo o filósofo, que começou a medrar uma relação unívoca entre a palavra e o visível, especialmente no que diz respeito ao enquadramento dos seres vivos – relação esta que o livro de Borges parece colocar em questão.

Embora nosso pensamento se situe hoje em um “lugar” diferente daquele que balizou a História Natural, de modo que seus parâmetros já soam estranhos a nossos ouvidos, fato é que as estruturas consolidadas por essa disciplina ainda pautam, em parte, a organização dos seres vivos: a apreensão de um ser vivo determinado já pressupõe uma estrutura na qual é possível enquadrá-lo. Por exemplo, uma taxonomia que vai situá-lo em determinado reino, filo, classe, ordem, família, gênero e espécie⁹. Tendo em vista o longo processo de consolidação de certa ordem que enquadra os seres vivos, queremos propor, com Foucault, que nos “inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares”¹⁰, questionando as continuidades e as universalizações.

Após explorar a questão da classificação dos seres vivos antes e depois da História Natural, voltaremos a Borges para discutir o conceito de “ficção”, o qual permitirá uma leitura rica do adjetivo “imaginários” no título *O livro dos seres imaginários*. Argumentaremos que Borges concebe uma relação de imbricação entre real e ficção – a ficção “invadindo” o real. Tal noção de ficção nos levará a conceber a recuperação, por Borges, de elementos da episteme pré-clássica (antes da História Natural), não como uma simples paródia, mas como uma forma de torná-los novamente reais – o que não significa “verdadeiros”, no sentido científico, mas sim destabilizadores da própria ordem que pretende relegá-los à esfera da irrealdade.

2. Os seres antes e depois da História Natural: um panorama arqueológico

Em *A ordem do discurso*, Foucault estabelece uma arqueologia do que denomina “discurso do verdadeiro”, retomando a trajetória dos enunciados com

⁹ Tal taxonomia foi desenhada pelo naturalista Lineu em 1735. Embora tenha sofrido revisões, ainda faz parte do modo científico de sistematização e organização dos seres vivos.

¹⁰ Michel Foucault, *A Arqueologia do saber*, 2020, p. 26.

pretensão à verdade desde o século VI – quando o enunciado válido era emitido por alguém que profetizava o futuro – até o século XIX, quando os discursos científicos passam a ditar o que é verdadeiro, a partir dos atos fundadores da ciência moderna. Para o autor, é por volta dos séculos XVII e XVIII que nos deslocamos das configurações do saber da era pré-clássica: a partir de então, o saber se pauta em planos observáveis, mensuráveis, categorizáveis e classificáveis.¹¹

Trata-se, nos termos de *As Palavras e as coisas*, da ruptura que leva à passagem da episteme pré-clássica à clássica. Com o conceito de episteme, Foucault busca designar certo solo positivo onde as coisas podem ser conhecidas, avizinhas, aproximadas e tomadas como verdadeiras, ou seja, um lugar de pensamento a partir do qual certa experiência de ordem se torna possível. A ordem da episteme pré-clássica, ou registro da semelhança, articulava-se a partir de jogos de símbolos – quando o mundo se desdobrava em si mesmo. Já a episteme clássica, ou registro da representação, constitui uma “rede [...] que só existe através de um crivo do olhar, de uma atenção, de uma linguagem”¹². É nesse segundo solo que a ciência irá se organizar, a partir de um conjunto de práticas que sustentam uma maneira específica de pensar e de lidar com o conhecimento.

Thomas afirma que, no registro da semelhança, a terra era entendida como um ser vivo, povoado por espíritos e entes carregados de simpatias e de influências veladas. “O mundo era um criptograma repleto de significados ocultos ao homem, à espera de ser decifrado. De tal modo, a mosca era um lembrete da brevidade da vida e o vaga-lume, da luz do Espírito Santo”¹³. Segundo Rodrigues, o imaginário social era carregado, na vida cotidiana, de visões prodigiosas: cavalos alados, anjos, dragões, monstros e fantasmas que afundavam navios. “A literatura relatava coisas espantosas [...]: testemunhos de seres monstruosos que alguém tinha visto, surgidos de oceanos; narrativas de experiências fabulosas; [...] presságios fantasiosos”¹⁴.

Esse era o tempo da oralidade, o conhecimento inserido em um espaço enigmático, amplo, ilimitado, que permitia a instauração de diversas relações de significação e vizinhança: “Na vasta sintaxe do mundo, os diferentes seres se

¹¹ Michel Foucault, *A ordem do discurso*, 1996.

¹² Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. XVI.

¹³ Keith Tomas, *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, 2010, p. 90.

¹⁴ José Carlos Rodrigues. *O corpo e a história*, 1999, p. 49.

ajustam uns aos outros; a planta comunica com o animal, a terra com o mar, o homem com tudo que o cerca”¹⁵. Como exemplifica Foucault, um estudo de Pierre Belon, de 1555, traçou a primeira tábua comparada da estrutura óssea humana com a de um pássaro: “[...] o osso, tido como pernas para os pássaros, correspondendo ao nosso calcanhar; assim como temos quatro dedos pequenos nos pés, assim os pássaros têm quatro dedos, dos quais o de trás tem proporção semelhante à do dedo nosso pé”¹⁶. Essas e outras relações revelam o humano como integrante de um mundo amplo, parte de um atlas universal, desenhado por combinações, onde as coisas aparecem imbricadas entre si.

E no entanto, o sistema não é fechado. Subsiste uma abertura: por ela, todo o jogo das semelhanças se arriscaria a escapar de si mesmo ou a permanecer na noite, se uma nova figura da similitude não viesse completar o círculo – torná-lo ao mesmo tempo perfeito e manifesto¹⁷.

E como sistema aberto, desenhado pela oralidade, o saber misturava mitos, fábulas, ditados, contos, magia e empiria. “Afigura-se-nos que os conhecimentos [...] eram constituídos por uma mistura instável de saber racional, de noções derivadas de práticas da magia [...]. Conhecer será [...] ir da marca do visível ao que se diz através dela”¹⁸. Como exemplifica o autor, não é raro encontrar estudos como o do naturalista Aldrovandi que, em seu livro *Historia serpentum et draconum*¹⁹, realizou uma vasta descrição acerca das serpentes, que abarcava desde informações sobre anatomia, forma e certos fatos históricos, até descrições sobre alguns significados das víboras para os homens: sonhos, presságios, simpatias, milagres e formas de preparo do animal em alimentos.

Isso fazia do naturalista um compilador, que recolhia “[...] tudo o que foi visto e ouvido, tudo o que foi contado pela natureza ou pelos homens, pela linguagem do mundo, das tradições ou dos poetas”²⁰. O conhecimento, nesse sentido, era organizado por uma mistura de fontes que, quando reunidas, formavam o saber sobre algo – coisa, animal, planta etc. Fortes²¹, ao citar casos emblemáticos relacionados às primeiras viagens exploratórias dos séculos XVI e XVII, narra a história de Dürer, que, em 1515, produziu uma gravura de um rinoceronte sem nunca antes ter visto o animal, imaginando-o apenas a partir de

¹⁵ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 25.

¹⁶ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 30-31.

¹⁷ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 35.

¹⁸ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 44.

¹⁹ Uma cópia do livro pode ser observada no site *Biodiversity Heritage Library*. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/page/41765098>>. Acesso em junho de 2021.

²⁰ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 55.

²¹ Hugo Fortes, *Problematização acerca da Imagem enquanto Conhecimento da Natureza*, 2018.

relatos de um viajante que o havia visto ao vivo em uma expedição à África: é desse modo que o rinoceronte entra no imaginário social europeu, depois difundindo-se globalmente. Como narra Gombrich em *Arte e Ilusão*:

Quando Dürer publicou sua famosa xilogravura de um rinoceronte, teve de basear-se em informações de segunda mão, que completou com sua própria imaginação, colorida, sem dúvida, pelo que ouvira sobre o mais famoso dos animais exóticos, o dragão, com seu corpo encouraçado. E, todavia, está provado que a criatura semi-inventada de Dürer serviu de modelo para todas as imagens de rinoceronte, mesmo as dos compêndios de história natural, até o século XVIII²².

Em resumo: a episteme da semelhança era constituída de um mundo dinâmico, desenhado a partir de um espaço permeado por falas, visões e elementos a serem interpretados a partir de jogos de semelhança. Porém, o que explica a incidência de um rompimento, que desemboca na possibilidade de alojar certos componentes da natureza em *uma* História Natural (universal)?

Para que a História Natural aparecesse, não foi preciso que a natureza se adensasse, se obscurecesse e multiplicasse seus mecanismos, até adquirir o peso opaco de uma história que apenas se pode delinear e descrever, sem se poder medir, calcular nem explicar: foi preciso – e muito ao contrário – que a História se tornasse Natural²³.

Como afirma Foucault, o que existia antes da História Natural eram múltiplas histórias: “Belon escrevera uma *História da natureza das aves*; Duret, uma *História admirável das plantas*; Aldrovani, uma *História das serpentes e dos dragões*. Em 1657, Jonston publica uma *História natural dos quadrúpedes*”²⁴.

[...] fazer a história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são os seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, [...] o que os viajantes dele podem dizer. A história de um ser vivo era esse ser mesmo, no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo²⁵.

Para que a história se tornasse universal, foi necessário que, em algum momento, o entrelaçamento entre as palavras e as coisas fosse desligado. A partir desse corte, a episteme se fixa em um outro espaço: o olhar que pousa sobre as coisas tem agora o objetivo de transcrevê-las a partir de “palavras lisas, neutras [...]”²⁶. Nesse sentido, as coisas aproximam-se a partir da observação, repousando, por fim, sobre quadros classificatórios. “[...] nesse devir

²² Ernest Hans Gombrich. *Arte e ilusão: um estudo sobre a psicologia da representação pictórica*, 1995, p. 70-71.

²³ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 176.

²⁴ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 176.

²⁵ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 176-177.

²⁶ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 179.

quadriculado e espacializado que os historiadores [naturais] do século XIX se empenharão em escrever uma história enfim ‘verdadeira’ [...]”²⁷.

Organiza-se, então, a exclusão do “ouvir dizer”, passa-se a observar, analisar, e dar um nome, um lugar, uma sistematização às coisas. A História Natural ganha, nesse sentido, uma estrutura: torna-se uma língua fundada, articulada e, por isso, arbitrária. À medida que se sedimenta, exclui de maneira regulada aquilo que não cabe em um sistema classificatório. “[...] um único e mesmo animal, uma única e mesma planta serão descritos da mesma forma, na medida em que da representação à linguagem reina a estrutura”²⁸.

A linguagem passa a conduzir o caminho, constituindo uma ligação entre o visível e o nomeável. “Uma mudança de escala ao nível do olhar deve ter mais valor que as correlações entre os diversos testemunhos que podem trazer as impressões, as leituras ou as lições”²⁹. Porém, o simples olhar sobre algo não passa a ser garantia de uma confiabilidade, pois é preciso olhar de certa maneira: trata-se de adotar um modo de “ver sistematicamente pouca coisa”³⁰. Há um esforço de se restringir o campo de experiência da visão: “Limpando e filtrando o visível, a estrutura lhe permite transcrever-se na linguagem. [...] a visibilidade do animal ou da planta passa por inteiro para o discurso que a recolhe”³¹.

Naturalistas como Lineu, por exemplo, estabeleceram critérios que pudessem ser aplicados de modo generalizado. Lineu – que teve grande influência no desenvolvimento da taxonomia botânica e animal nos séculos XVIII e XIX, como criador da Nomenclatura Binominal – oferece as seguintes diretrizes para os naturalistas: “distingue pela vista as partes dos corpos naturais, descreve-as convenientemente segundo o número, a figura, a posição e a proporção e as nomeia”³².

Como se pode ver, são indicadas certas formas de observar e descrever o visível que procuram estabelecer parâmetros para uma categorização universal. Nesse sentido, a História Natural consolida um parâmetro de verdade a partir do qual se separa o discurso científico dos “outros” – a serem, então, enquadrados negativamente como mito, ficção, superstição, fábula etc. Todas essas categorias

²⁷ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 180-181.

²⁸ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 187.

²⁹ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 182-183.

³⁰ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 183.

³¹ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 185.

³² Lineu *apud* Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. 223.

(em sua versão negativa) servem, de modo mais ou menos intercambiável, para designar o conjunto quimérico de enunciados que não passaram pelo crivo do verdadeiro. É para esse conjunto que o adjetivo “imaginários”, no título do livro de Borges, parece apontar.

3. Tlön e os seres vivos: a questão da ficção

A investigação arqueológica da seção anterior torna explícito o processo por meio do qual uma ruptura entre os seres ditos imaginários e os seres ditos reais é estabelecida. Com isso, o próprio título *O livro dos seres imaginários* pode ganhar um sentido mais rico, uma vez que a classificação de “imaginário”, atribuída a alguns seres, precisa ser colocada em questão. Alguns dos seres que compõem o livro figuraram em obras com propósitos científicos, e podemos supor que eram tidos, então, por reais. Sobre os *Animais Esféricos*, por exemplo, nos conta Borges:

No princípio do século XVII, Kepler discutiu com o cultista inglês Robert Fludd a prioridade da concepção da Terra como monstro animado, “cuja respiração de baleia, correspondente ao sono e à vigília, produz o fluxo e o refluxo do mar”. A anatomia, a alimentação, a cor, a memória e a força imaginativa e plástica do monstro foram estudados por Kepler³³.

Já o *Basilisco*, monstro que se transformou no decorrer das eras – passando de uma serpente a um galo de plumagem amarela, com asa espinhosa e cauda de serpente – ocupa o naturalista Aldrovani, que o representa com escamas e oito patas³⁴.

Assim, a fronteira entre o real e seu “outro” – o imaginário, o fantástico (como no título original da obra em questão) ou a ficção (para usar outro termo caro a Borges) – começa a se apresentar como permeável e nebulosa. Algo que nenhum autor percebeu com mais refinamento do que o próprio Borges, como atesta seu conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, que abre seu famoso *Ficciones* (Ficções).³⁵

O conto se inicia com uma conversa casual entre o autor (que é também protagonista) e Bioy Casares, que acaba levando-os ao verbete “Uqbar” da *Anglo-American Cyclopaedia*. O verbete, que só existia em alguns exemplares da

³³ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 8.

³⁴ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 40.

³⁵ Jorge Luis Borges, *Ficciones*, 2013.

mencionada enciclopédia, esclarecia que Uqbar é um país, mas nada permite situá-lo e ninguém parece conhecê-lo. Um dos pontos memoráveis da descrição do verbete mencionava que “a literatura de Uqbar era de caráter fantástico e que suas epopeias e lendas jamais se referiam à realidade, mas tão só às regiões imaginárias de Mlejnas e Tlön”³⁶.

Tempos depois, Borges se depara por acaso com um livro que, ao folhear, descobre ser o décimo primeiro volume da obra *A First Encyclopaedia of Tlön*: “Fazia dois anos que eu descobrira num tomo de certa enciclopédia pirata uma descrição sumária de um outro país [...]. Agora tinha nas mãos um vasto fragmento metódico da história total de um planeta desconhecido”³⁷. Ele se espanta com o caráter intrincado e articulado de todas as dimensões da descrição desse mundo. Um grupo ao qual ele apresenta sua descoberta procura referências a Tlön em outras obras ao redor do mundo, sem sucesso.

Como explicar essa descrição minuciosa de um mundo que aparentemente não existe? Quem teria inventado Tlön? Nesse momento do conto, uma apresentação de alguns conceitos do universo de Tlön começa a ressituar a própria questão, uma vez que ficamos sabendo que “[a]s nações desse planeta são – congenitamente – idealistas”, de modo que “[n]ão é exagero afirmar que a cultura clássica de Tlön compreende uma única disciplina: a psicologia”³⁸. Nesse cenário, podemos supor que a pergunta pela “invenção” de Tlön não se diferencia muito da pergunta pela “invenção” do nosso próprio mundo, uma vez que o idealismo em questão descarta qualquer referência a um mundo exterior, de modo que tudo o que existe precisa ser inventado. Dizendo de outro modo: descartada a noção de uma realidade objetiva, a produção subjetiva de algo não afeta seu estatuto ontológico – a questão será a de saber como foi inventado e não se foi inventado. Isso fica implícito no modo como Borges introduz a questão das consequências de tal idealismo: “Séculos e séculos de realismo não deixaram de influir na realidade”³⁹.

A adesão do narrador ao idealismo de Tlön antecede a constatação de ocorrências que justificam esse mesmo idealismo: a aparição de objetos de Tlön no nosso mundo após o planeta fictício se tornar conhecido, em outras palavras, a invasão da realidade pelo mundo fictício. Não por acaso, uma vez que está

³⁶ Jorge Luis Borges, *Ficções*, p. 15-16.

³⁷ Jorge Luis Borges, *Ficções*, p. 18.

³⁸ Jorge Luis Borges, *Ficções*, p. 20-21.

³⁹ Jorge Luis Borges, *Ficções*, p. 26.

absorvido por Tlön, o autor testemunha os primeiros casos. A primeira aparição é a de uma bússola em meio a uma baixela recebida pela princesa de Faucigny-Lucinge. A princesa não se lembrava dela, a agulha parecia não reconhecer o norte magnético e a caixa continha gravações em um dos alfabetos de Tlön. Essa primeira ocorrência ainda permitiria uma leitura calcada nas noções de agência do senso comum, que mantivesse uma separação entre fato e ficção (poderíamos supor que, ao se familiarizarem com o mundo ficcional de Tlön, artífices foram inspirados a produzir uma bússola de prata de acordo com a descrição e a ofereceram à princesa indiretamente, sem que ela fosse comunicada). A segunda ocorrência não deixa dúvidas a esse respeito. Borges e alguns companheiros descobrem, ao lado de um homem morto, um pequeno cone de metal, com dimensões aproximadas às de um dado, cujo peso é tão desproporcional a seu tamanho que chega a ser difícil levantá-lo. “Esses cones pequenos e muito pesados (feitos de um metal que não é deste mundo) são imagens da divindade em certas regiões de Tlön”⁴⁰.

O conto bagunça, portanto, nossas preconcepções acerca das relações entre realidade e ficção, já enraizadas em nossos modos de pensar. Nossa tendência é negar a possibilidade dos fatos narrados, uma vez que pressupomos que um mundo fictício não pode invadir o mundo real dessa forma. Contudo, quando percebemos que o próprio modo de pensar, que institui os parâmetros que permitem julgar a possibilidade do fato narrado, já é uma intrusão de Tlön, ficamos sem chão, sem solo (para retomar o termo de Foucault), a partir do qual possamos avaliar as coisas. O próprio lugar a partir do qual distinguimos entre fato e ficção já é uma ficção – não mais na acepção negativa que a opõe ao fato, mas em uma que coloca ênfase em seu sentido mais original de algo produzido, criado, construído. Aqui, estamos novamente muito próximos do conceito Foucaultiano de *episteme*, que, como vimos anteriormente, indica um espaço de inscrição e de produção, que desenha uma rede cambiante entre palavras e coisas.

Se voltarmos agora para *O livro dos seres imaginários*, mantendo em mente essa postura “integracionista” – para usar o conceito de Thomas Pavel⁴¹ – frente à dicotomia fato-ficção, podemos pensar nele não mais como um compilado de seres irreais, mas como uma série de vislumbres de seres de mundos fictícios, no sentido positivo do termo acima delineado – ou seja, como um compilado de seres de diferentes “Tlöns”, ao quais também estão ligados os

⁴⁰ Jorge Luis Borges, *Ficções*, p. 31.

⁴¹ Thomas Pavel, *Fictional Worlds*, 1986.

seres atualmente classificados como reais (isto é, aqueles seres fictícios que já invadiram nosso mundo).

A entrada “Animais dos espelhos”, em *O livro dos seres imaginários*, pode dar mais força a essa sugestão, uma vez que apresenta o caráter mimético do mundo do espelho como resultado de uma punição, efetuada pelas “artes mágicas do imperador amarelo”⁴², em resposta à tentativa de invasão do nosso mundo por parte dos habitantes do mundo do espelho. O imperador privou os seres do espelho “[...] de sua força e de sua figura e reduziu-os a meros reflexos servis. Um dia, entretanto, livrar-se-ão dessa mágica letargia”⁴³. Como podemos inferir, nesse dia voltarão a invadir nosso mundo, como tradicionalmente fizeram. Cabe, aqui, perguntar se as artes mágicas do tal imperador amarelo não seriam os parâmetros de verdade que tentam aprisionar os seres nas celas classificatórias do real e do fictício (no sentido negativo de irreal, ou de cópia menos real); e, ainda, se *O livro dos seres imaginários* já não seria, ele mesmo, o início de uma nova invasão.

4. Um outro *tópos*: considerações finais

No início deste trabalho, exploramos os processos por meio dos quais certos seres passaram a figurar como reais e, outros, como imaginários – seguindo, para tanto, a abordagem arqueológica de Foucault. Observamos como a episteme clássica, pautada na História Natural, começa a consolidar estruturas que tornaram possível a organização científica dos seres vivos. Em seguida, evidenciamos a fenda aberta por Borges para uma reflexão acerca dos regimes de verdade. Ao reconfigurar certos códigos, Borges mobiliza e mistura significados múltiplos, seguindo na contramão das iniciativas que buscam códigos que colem seus enunciados ao real: que procuram, em suma, um acesso à “verdade”.

Uma breve análise do conto Borgiano *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* nos levou adiante nesse caminho, fazendo-nos repensar nossas preconcepções e considerar a realidade das ficções. Os caminhos indicados por Foucault e por Borges parecem se aproximar e se cruzar, como indica a referência feita a Borges por Foucault no prefácio de *As palavras e as coisas*, com a qual abrimos este artigo. Nesse texto, Foucault apresenta o conceito de heterotopia para dar conta do

⁴² Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 6.

⁴³ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 7.

incômodo que provoca nele a tal enciclopédia chinesa. “Este livro nasceu de um texto de Borges. Do riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento [...] abalando todas as superfícies ordenadas”⁴⁴. Ao evocar uma série alfabética que coloca em sequência classes de animais como “fabulosos”, “cães em liberdade”, “incluídos na presente classificação” e “que se agitam como loucos”, Borges abre uma fenda que faz brilhar a experiência do impensável, uma vez que não só justapõe elementos estranhos, como “zomba” de nossa confiança na possibilidade de uma ordenação desses elementos.

Algo parecido ocorre no sumário de *O livro dos seres imaginários*, no qual encontramos três entradas diferentes para “dragão”: “O dragão”, “O dragão” e “O dragão chinês”⁴⁵. Essas entradas não deixaram de confundir editores e tradutores, alguns dos quais, provavelmente horrorizados com duas entradas diferentes com o mesmo título, alteraram o título da segunda entrada para “O dragão no Ocidente”, amparando-se no fato de que a metade final da entrada se dedica a tal tema – o quarto parágrafo (de seis) iniciando-se com “No Ocidente, o dragão [...]”⁴⁶. Assim, no sumário da edição em português da Companhia das Letras⁴⁷, por exemplo, temos as seguintes entradas referentes a dragões, que foram ainda agrupadas: “o dragão”, “o dragão chinês” e “o dragão no ocidente”. Esse exemplo nos dá uma medida do tipo de inquietação que os desvios dos parâmetros de ordem podem provocar.

A noção Foucaultiana de “heterotopia” ajuda a compreender o efeito inquietante dessas obras de Borges. São as experimentações que, para Foucault⁴⁸, representam a beleza daquilo que ele chama de *heterotopia*, uma vez que exploram possibilidades alternativas de espaço, abrem lacunas e celebram complexidades, especulando ordens diferentes daquelas com as quais estamos acostumados a lidar. Dada a possibilidade de emaranhado, de mistura, elas “inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, [...], porque fracionam os nomes comuns ou os emaranhados, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’”⁴⁹.

As heterotopias são pontos de abertura, espaços que abalam os parâmetros vigentes de categorização do mundo e – para destacar nosso tema – dos seres

⁴⁴ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. IX.

⁴⁵ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982.

⁴⁶ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 1982, p. 60.

⁴⁷ Jorge Luis Borges, *O livro dos seres imaginários*, 2008.

⁴⁸ Michel Foucault. *De outros espaços*, 2013.

⁴⁹ Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 2007, p. XIII.

vivos. Ao contrário das utopias, que costumam representar o triunfo da ordem, uma vez que são lugares em que as coisas funcionam como (supostamente) deveriam, as heterotopias colocam em xeque os próprios parâmetros que legitimam os espaços idealizados das utopias.

A obra de Borges é frequentemente heterotópica, na medida em que escancara as múltiplas possibilidades de ordenação do mundo e coloca em xeque os parâmetros de verdade estabelecidos. É nesse sentido que *O livro dos seres imaginários*, obra que guiou nosso caminho neste artigo, configura um espaço de experimentação e de contestação do *tópos* de nosso pensamento, pautado nos parâmetros de verdade da ciência. A forma caleidoscópica de sua narrativa, enfim, revela a infinidade de combinações narrativas às quais os seres do seu escopo foram enredados, e como essas figuras fantásticas participam de sua realidade.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Porto Alegre: Globo, 1982.
- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. La poesía Gauchesca. In: *Conferencia en la Sociedad Científica Argentina*. Buenos Aires: Centro de Estudos Brasileiros, 1960.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- FORTES, Hugo. Problematização acerca da Imagem enquanto Conhecimento da Natureza. *Prometeica Revista de Filosofia y Ciencias*, n. 17, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Edições Loyola. São Paulo: 1996.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. De outros espaços. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- GOMBRICH, Ernest Hans. *Arte e ilusão: um estudo sobre a psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

NICHOLSON, M. Necessary and Unnecessary Monsters: Jorge Luis Borges's Book of Imaginary Beings. *Journal of Modern Literature*, v. 43, n. 2, 2020.

PAVEL, T. *Fictional Worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Referência para citação deste artigo

COSTA, Carlos Eduardo Félix da; PORTUGAL, Daniel; SARINHO, Rafaela. A fenda Borgiana: as palavras e os seres imaginários. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 296 – 310, setembro de 2022.